

Uma homenagem ao Capitão Salgueiro Maia e ao MFA

Por Luísa Teixeira Barbosa

Historiadora e Directora do CCS

O Círculo Cultural promoveu, no passado dia 17 de maio, no seu auditório, uma singela homenagem ao Capitão Salgueiro Maia e ao Movimento das Forças Armadas, aproveitando o momento das comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, cuja cerimónia ficou registada para memória futura, em áudio, vídeo e fotografia, numa prestimosa colaboração e apoio do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão. A mesa engalanada por um vistoso arranjo de cravos, foi presidida pelo presidente do Círculo Cultural Scalabitano, Eliseu Raimundo e contou com os convidados Zeferino Silva, sócio do Círculo, vizinho, amigo e grande admirador de Salgueiro Maia, os coronéis Garcia Correia e Correia Bernardo que em conjunto com Salgueiro Maia e outros heróis do 25 de Abril, planearam e organizaram a Revolução dos Cravos e, também, Natércia Maia, a viúva do Capitão Salgueiro Maia que, como ele, tem o dom da humildade e da simplicidade, certamente as qualidades necessárias e fundamentais que acompanharam, nas alegrias, nas tristezas o seu marido e que num silêncio ativo, porque em silêncio também sofreu e aguardou... o homem que pelo seu grande valor e coragem foi escolhido pelos seus companheiros para chefiar a coluna militar que, partindo da Escola Prática de Cavalaria de Santarém para Lisboa, deu a vitória à liberdade e à democracia.

A sessão iniciou-se com a música da marcha militar, abundantemente ouvida por ocasião do 25 de Abril, com o som do primeiro comunicado do MFA e dos acontecimentos mais marcantes do largo do Carmo, seguido do poema 25 de Abril, de Sophia de Mello B. Andresen, dito por Francisco Selqueira do Veto Teatro Oficina. Entretanto, Eliseu Raimundo, presidente do Círculo Cultural Scalabitano, pronunciou as palavras de boas-vindas e frisou que, ao coincidirem as comemorações dos 40 anos do 25 de Abril com as comemorações dos 60 anos do Círculo Cultural, era com enorme satisfação e orgulho poder contar, nesta celebração, com personalidades tão relevantes para a história nacional, lembrando ainda que o Círculo na sua actividade cultural foi sempre um baluarte na resistência à ditadura, na defesa da liberdade e do debate livre, apesar de ter estado inscrito nos seus primeiros estatutos, a proibição de se discutir sobre política e religião, tão ao gosto dos dogmas da ditadura salazarista.

Deixando a palavra a Zeferino Silva, este lembrou que, em notícia de *O Jornal*, de 10 março de 1978, depois de regressado dos Açores, para onde Salgueiro Maia fora destacado sem qualquer razão explícita, em conjunto com alguns dos militares (entre os quais o coronel Garcia Correia), foi realizada uma reunião em casa de Salgueiro Maia de um conjunto de militares designados de *melantunistas* que integrava, ainda, um conjunto de civis, entre os quais Zeferino Silva que em Santarém, por ocasião do PREC, se auto-intitulou Comité da Defesa da Revolução em Santarém. Continuou o elogio do capitão Salgueiro Maia relembrando que em 1984, candidatou-se contra a Aliança Democrática e foi eleito presidente da Junta de Freguesia de Marvila, pelo Partido Socialista e que na campanha eleitoral este, além de uma bandeira, utilizava um megafone que tinha sido o que Salgueiro Maia utilizara no largo do

Carmo nas conversações com o governo do anterior regime, refugiado no Quartel do Carmo. Recordou que em *O Ribatejo*, de 1992 referiu-se às reformas atribuídas aos inspectores da PIDE, Óscar Castro e Augusto Bernardes, pelos serviços relevantes prestados à Pátria pelo governo desse tempo, quando por ocasião do mesmo o do Supremo Tribunal Militar recusara uma reforma àquele homem, Salgueiro Maia, que no dia 25 de Abril lhes deu voz de prisão.

Seguiu-se a intervenção do Coronel Correia Garcia que honrou o Círculo Cultural com a primeira apresentação pública do mapa sobre o qual se delineou o Plano B, cujo original acompanhou a deslocação da Escola Prática de Cavalaria de Santarém para Abrantes. Iniciou a sua explicitação, ressaltando o carácter frontal e humilde de Salgueiro Maia, bem como a intrínseca “arte de comandar”, rematando que Salgueiro Maia “foi o homem certo no lugar certo”, que no Terreiro do Paço e depois no Quartel do Carmo, em *pleno teatro de operações revoltosas* tomou as decisões certas na hora certa e, por isso, tornou vitoriosa a revolução de 25 de Abril.

Seguidamente, alertou publicamente para a extinção da Escola Prática de Cavalaria de Abrantes e mostrou-se preocupado com os documentos e memórias históricas da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, lamentando a extinção da EPC de Santarém, bem como agora a de Abrantes e comentando as atitudes tomadas e lesivas da História. Contou ainda que no dia 24 de abril de 1974, o Coronel ficara incumbido de abordar o comandante da época, combinando um jantar nesse dia, onde o preveniu para algumas movimentações de revolta Acrescentou que, quando entraram os dois na EPC, verificando o comandante que o oficial de dia não era o que tinha nomeado, intrigado teve de acompanhar o Cor. Garcia Correia ao Gabinete onde iria permanecer enquanto não houvesse outro destino a dar-lhe. O então comandante deposto foi informado que não estava preso, mas que não lhe era permitido intervir nas decisões tomadas pelo movimento revoltoso, tendo este assistido, ainda à saída da coluna militar chefiada por Salgueiro Maia, ao qual se juntaram todos os que aí estavam em serviço militar.

Passou de seguida a explicitar o Plano B com todos os pormenores. Elucidou que esse plano demorou dois dias a ser preparado em conjunto com Cor. Correia Bernardo. Os oficiais da EPC, liderados por homens como Garcia Correia, Correia Bernardo previram que, em caso de falhanço da revolução em Lisboa, e de forma a evitar o que se passara a 16 de março, as munições e material de guerra de reserva na EPC serviriam o Plano B, ou seja, o plano de defesa de Santarém, que não seria mais do que uma forma de planejar a resistência da revolução, em Santarém, com o objectivo de defender todos os “camaradas” envolvidos na sua preparação e ação. Nesse mapa estão assinalados 7 pontos que marcaram os pontos estratégicos de entrada da cidade. Na própria EPC, onde foram colocadas as munições e alguns carros de combate, organizou-se a acção que deveria tornar Santarém num bastião de resistência e de defesa da Revolução, não desconhecendo o apoio essencial de alguns aquartelamentos do norte do país. Tal felizmente não veio a ser necessário, pois a grande capacidade militar de planeamento e a heroicidade do movimento, bem como o apoio espontâneo do povo que ansiava pela libertação da ditadura criaram as circunstâncias fulcrais à vitória do 25 de Abril.

Tomou a palavra o Coronel Correia Bernardo que foi o planeador, o condutor de todas as operações que saíram de Santarém na madrugada do dia 25 de Abril. Impelido pelo desígnio de não deixar perder as memórias sobre o papel da EPC de Santarém na Revolução do 25 de Abril, incentivado pelo próprio Salgueiro Maia e depois por José Niza, o Cor. Correia Bernardo escreveu um livro *Participação da Escola Prática de Cavalaria no 25 de Abril de 1974*, apoiado pelo Estado Maior do Exército e pelo Governo Militar de Lisboa que é manifestamente um testemunho histórico, de tudo o que até aí não fora dito.

O Cor. Correia Bernardo explicou que não conhecia agentes da PIDE, mas sim informadores que no quotidiano da cidade escutavam as pessoas que se juntavam na rua em grupos de duas ou mais pessoas. Na preparação do 25 de abril, até ao terceiro trimestre de 1973 não havia preocupação com a PIDE/DGS, afirmando que as inquietações do movimento se centravam nos aspectos corporativos, relacionados com os condicionalismos impostos pela lei à própria profissão. Tal cuidado só se veio a concretizar quando o movimento teve a consciência de que era necessário o derrube do regime, em outubro novembro, fruto de conversas que decorreram em Julho e Agosto. A PIDE ficou a fazer parte das suas prioridades, percebendo que os seus telefones estavam a ser escutados começando a utilizar conversas em código, dando o exemplo “a avó Ana já foi hospitalizada” era a senha usada quando se queriam referir a Melo Antunes. As reuniões clandestinas realizavam-se no Gabinete de Estudos ou na Biblioteca da EPC. O clima de desconfiança mútua era comum, mesmo quando tal por vezes não havia razão. Reconheceu que existe um vazio sobre o papel dos oficiais milicianos no 25 de Abril em Santarém.

O Dia da Escola dia 18 de abril, estava em casa de Otelo a preparar a saída do quartel da EPC no dia 25 de Abril.

O Cor. Garcia Correia ficara em santarém e no plano de queda do regime em santarém estabeleceu-se como prioritária a neutralização da GNR, da PSP, o Presídio militar, a Legião Portuguesa, porque também era uma força armada, mas a PIDE ficou “esquecida”, visto que a PIDE era de rua e que até podia fornecer informações importantes como as de que as pessoas da cidade apoiava o movimento, ou de que sairia outra coluna militar às 7.30h da manhã, como quem diz...não fora uma prioridade e, só depois de todo o plano completo e da “notícia que havia tiroteio em Lisboa”, os militares chefiados por Correia Bernardo dirigiram-se à Rua de Olivença, à “casa” da PIDE. Quando aí chegaram não encontraram resistência da parte dos agentes e verificaram que alguns dos ficheiros tinham sido já queimados, pois quando recolheram a documentação, organizada por ordem alfabética, faltavam letras como o E ou o M, depreendendo-se que faltariam as informações relativas à própria Escola Prática, mas não se podendo demonstrar que outros ficheiros faltariam.

Mais tarde, o MFA faz um protocolo com o Veto Teatro Oficina para a campanha de Dinamização Cultural e reunia no Círculo com o António Júlio, com o José Ramos, o Chona, o Nuno Domingos. Houve uma altura em que, faltando o dinheiro que era entregue ao Veto para esse efeito, compreenderam que havia uma pessoa, fazendo parte dos atores amadores do Veto, de quem se desconfiava há algum tempo e que se veio a provar a partir dos documentos à responsabilidade do Cor. Correia Bernardo esse. De nome Picoto, era um informador da PIDE que veio de Lisboa para vigiar o grupo de teatro de Santarém.

Antes das intervenções da plateia atuou Susana Alves /Espaço C e a banda Clandestina com duas músicas alusivas. O Sr. Veiga referiu a importância do segredo que os organizadores conseguiram manter e, como na altura era oficial miliciano e foi um dos que ao sinal da canção “O Adeus”, de Paulo de Carvalho, se dirigiu. O sr. Neto identificou-se através de uma das fotografias publicitadas e contou ter sido referenciado por ter sido agente sindical pela PIDE e ter recebido uma contrafé da PSP para se apresentar e ia ser preso a 16 de maio e é chamado à EPC já depois do 25 de abril Manuel Castela, Jaime Carvalho, Madeira Lopes, caso não se tivesse dado o 25 de abril teria sido esse o dia da sua prisão.

Nuno Domingos do Veto Teatro Oficina falou acerca do clima de medo que se vivia na época, tal como no Círculo Cultural, nomeadamente na secção de Teatro, pois todos os ensaios das peças de teatro eram vigiados por homens não identificados e que todos reconheciam como informadores da PIDE, exemplificando com a existência de uma sessão cultural onde participaram Carlos Paredes, Mário Viegas, Carlos Moniz e Maria do Amparo, a sessão de poesia ficou suspensa sem que propositadamente qualquer aviso de encerramento tivesse sido dado. D. Branca antiga coralista do Coro do Círculo Cultural, quis deixar o seu testemunho afirmando que no cimo da “varanda” novecentista (Balcão) do Círculo, nos ensaios do Coro tais homens sinistros marcavam a sua presença, pois pela música do repertório selecionado também se podem transmitir mensagens políticas proibidas ou que pusessem em causa o regime.

O texto completo que serviu de apoio à intervenção do Cor. Correia Bernardo ficará disponível no site do Círculo, bem como a colecção de 9 postais, com tratamento gráfico de Nuno Cruz/C Designs, sete das quais, arquivo de Zeferino Silva, a partir de autorização de Olavo Aires, Grandela Aires e duas das colecção de Cor. Correia Bernardo, tendo constatado que Joaquim Vale Cruz é o autor daquela que respeita ao cerco da PIDE /DGS, em Santarém, que pretenderam marcar historicamente estas comemorações do 40 anos do 25 Abril.